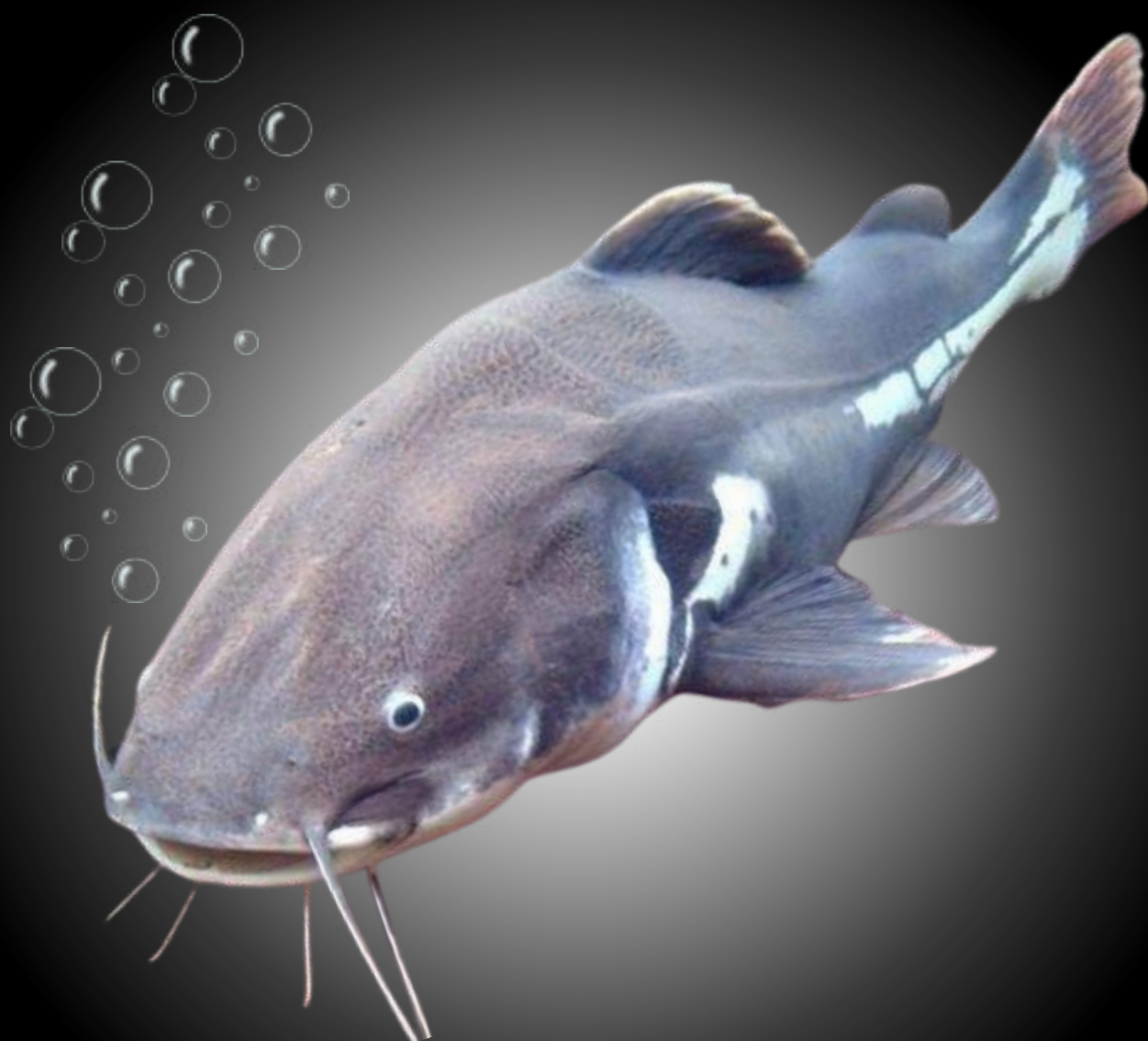


revista **bulunga**

junho de 2023 - número 18



neste número, acredite, o entrevistado é um

BAGRE

EDITORIAL

Nos anos 1960, os jovens foram às ruas lutar pela liberdade sexual, com as mulheres queimando em público os seus sutiãs, enquanto os homens deixavam crescer os seus cabelos, para que não precisassem ir à Guerra do Vietnã, mas logo veio AIDS, e nem por isso as pessoas seguraram o “freio de mão”: milhares, talvez milhões, morreram, em número provavelmente superior ao verificado nos conflitos naqueles países asiáticos.

Já nos anos 2000, a pauta passou a ser a liberalidade sexual, e foram os homens que passaram a usar sutiãs, enquanto as mulheres, cuecas, e o foco foi a mudança de sexo, mas aí veio a COVID-19, e nem assim o povo se aquietou: meteram uma máscara no rosto, mas lá embaixo o bicho pegou.

Freud, aquele velho tarado, estava certo: o povo só quer saber de copular.

Contudo, o que seria a consequência de um instinto, uma função hormonal, se torna uma obsessão, ou melhor, uma perversão (no sentido de se buscar “reverter” a situação), e assim tem gente querendo fazer sexo com tudo o que se move sobre a terra, sob o mar e no ar. Já tivemos relatos de pessoas que tentaram manter relações sexuais com botos, golfinhos e crocodilos, mas neste último caso não se deram muito bem; e também com abutres, condores e flamingos em pleno voo de asa delta. Dizem que se, uma vez mais, descessem anjos do céu, como aconteceu em Sodoma, as multidões se juntariam furiosamente sobre eles, com um propósito nada puro.

A política de grande nações como os EUA, e até de determinados países subsubsubdesenvolvidos, como é o caso do Brasil, está sendo decidida pela pauta da sexualidade, sendo rechaçados representantes que se revestem de uma moral conservadora, pois o que o povo mais quer é “cair no crime”. Literalmente. A criminalidade tem atingido níveis antes nunca vistos, com a corrupção se espalhando por todos os meios, mas somente são punidos aqueles que praticam os chamados “crimes de opinião”, contrários a essa bandalheira oficializada.

Estamos bem próximos do que o cinema e a literatura nos mostravam acerca dos absurdos que aconteciam no Império Romano, como no caso de Calígula, que nomeou o seu cavalo “Ímpetus” para o Senado, enquanto nos tempos atuais jegues “Estúpidus” são escolhidos para os mais altos cargos da República, e assim saem tomando decisões estapafúrdias, ao arrepio da Constituição Federal.

OS PIRATAS

Os piratas tomaram o navio. Entraram com estranha facilidade, chegando em um barquinho insípido, e foram encostando e jogando as suas cordas, sem que os observadores fizessem absolutamente nada para evitar a abordagem. Dizem que já estava tudo combinado, que existiam elementos infiltrados que facilitaram essa invasão em troca de postos de comando na embarcação, além de tíquetes para gastarem em casas de tolerância, assim que pisassem em terra firme.

O chefe dos piratas chegou todo amigão, exibindo um gancho que substituíra sua mão esquerda, perdida em um acidente não muito bem explicado, que ocorreu quando ainda era jovem, e o impediu de assumir um ofício, mas que possibilitou, por meio do sindicato, a sua rápida ascensão à alta cúpula da pirataria.

Prontamente, anunciou que não haveria retaliações, mas o que se viu depois é que, gradativamente, foram desaparecendo tripulantes contrários à invasão, e que os tubarões que rodeavam o navio estavam ficando cada vez mais gordos.

Foi cortada a comunicação interna e externa, sob a alegação de que isso tirava a atenção dos tripulantes e passageiros, e novos piratas foram embarcando, causando uma superlotação.

Como estavam famintos, pois tinham sido jogados ao mar, depois de saquearem vários navios e ficarem vagando por cerca de quatro anos, em pouco tempo acabaram com todo o estoque de alimentos. Os passageiros ficaram em situação de penúria, e muitos deles pularam ao mar, na esperança de conseguirem chegar a nado ao continente, mas foram devorados pelos ferozes peixes cartilaginosos.

Considerando que não sabiam fazer absolutamente nada além de praticarem saques, e por não reunirem os necessários requisitos para a operacionalização dos instrumentos ou exercerem quaisquer outras habilidades funcionais, incapazes de darem conta até mesmo de uma simples faxina, e após terem eliminado a tripulação, o navio foi a pique, e morreram todos. Ou quase: o chefe os piratas conseguiu entrar em um barril, que ficou flutuando durante muito tempo à deriva, até que fosse resgatado por um navio mercante.

nesta edição, entrevistamos um autêntico

BAGRE

Graças a um moderno equipamento que permite escutar com clareza os sons debaixo da água, conseguimos realizar essa entrevista com Romário, um bagre de 48 anos, espécie conhecida como “Silurus Glanis” e que pode reunir mais de 220 tipos, alguns deles chegando a 5,50 metros e podendo passar dos 300kg, e que são capazes de viver até os 60 anos.

O nome de nosso exemplar, que mede pouco mais de um metro e pesa aproximadamente 40 quilos, foi dado em homenagem ao ex-jogador do Vasco da Gama e da Seleção Brasileira, o “baixinho”, que chamava a todos de “peixe”, e que deixou muitas lembranças com os seus 772 gols, mas que afirma que foram mais de 1000.

A entrevista não pode ser muito longa em função do cilindro de ar que obtivemos, com autonomia de aproximadamente meia hora, sendo que em algumas ocasiões chegamos a nos engasgar e a engolir água, principalmente ao rirmos disfarçadamente em algumas situações mais constrangedoras, mas ainda assim conseguimos concluir o nosso trabalho, que ora reproduzimos.

BULUNGA – Primeiramente, gostaria que você falasse dessa sua experiência de ser um peixe.

BAGRE – Passo o dia nadando, comendo pequenos peixes e moluscos, crustáceos e plânctons, e excretando, cumprindo o meu papel na escala biológica. Não é muito diferente de vocês, humanos, que arranjam um monte de complicações nestes intervalos, em função de um racionalismo que não representa nenhuma vantagem em comparação com as demais espécies.

BULUNGA – Legal! Começamos a entrevista com um “cruzado” no queixo. Nocaute!

BAGRE – Não teria sido essa a minha intenção. Mas não posso me calar diante da atuação humana no meio ambiente. Vocês representam um desastre sem proporções para o planeta.

BULUNGA – Você está coberto de razão, mas alguns de nós, humanos, tentamos nos redimir, de uma maneira ou de outra.

BAGRE – De forma ineficaz... Alguns se apegam a uma religião, tentam parecer bondosos, solidários, mas não conseguem por muito tempo conter essa sua natureza predatória. Mas deixa pra lá. Não quero jogar para baixo esta entrevista.

BULUNGA – Os bagres são considerados uma espécie de peixe peçonhento, por conter veneno em seus ferrões.

BAGRE - Garanto que tem muita gente com uma língua mais venenosa e que pode fazer mais estragos do que os nossos ferrões.

BULUNGA – Lá vem você de novo alfinetando, ou melhor, “ferroando” a nossa espécie...

BAGRE – Desculpe-me, mas não foi intencional. Vou tentar me conter.

BULUNGA – Entre os humanos, o apelido “peixe” é dado a pessoas que tem possuem privilégios para alguma coisa. Entre os peixes de verdade também existem privilégios?

BAGRE – Só se for considerado privilégio nos engasgarmos com plásticos de supermercados lançados nas águas ou para nos enrolarmos em linhas de pescadores.

BULUNGA - O que você pensa dessa crescente poluição das águas?

BAGRE - Os humanos são muito estúpidos. Sujam a própria água que vão beber. Depois tentam inventar os mecanismos mais mirabolantes para despoluírem as águas, sem sucesso, quando mais fácil seria não sujar.

BULUNGA - Quais são os seus piores predadores?

BAGRE - Não há a mais remota dúvida: o homem. Você havia pensado em tubarões, orcas ou crocodi-

los, mas, na verdade, o homem é o predador mais feroz deste mundo.

BULUNGA - Os bagres são conhecidos por comerem lixo. O que você tem a dizer sobre isso?

BAGRE - Os homens comem salsichas, bacon, sorvetes, biscoitos recheados, bebem Coca-Cola, mas tem a coragem de dizer que comemos lixo? Além disso, tomam toda espécie de remédios para curarem uma coisa, mas que afetam diversas outras, criando doenças ainda mais graves. Os homens não são nada racionais.

BULUNGA – Essa nossa entrevista não está desenvolvendo legal. Percebo que há uma grande mágoa de sua parte com relação à raça humana.

BAGRE – Não é só comigo: todos os animais pensam assim a respeito dos humanos. O problema é que vocês são tão burros que não conseguem captar a nossa comunicação. Os animais se comunicam entre si. Muitas vezes, nem precisam recorrer a isso, porque SENTEM o clamor da natureza, e por isso buscam o equilíbrio. Nenhum animal provoca a extinção de outra espécie. Se não fossem os homens, o mundo estaria em total harmonia.

BULUNGA – Não é bem assim: os animais devoram-se uns aos outros.

BAGRE – Mas raramente entre membros da mesma espécie. Bem diferente dos humanos, que são capazes de destruir até mesmo seus ascendentes e descendentes.

BULUNGA – Vamos parar com esse “pingpong”, com cada um cortando do seu lado, na tentativa de fechar o set.

BAGRE – Sem problemas. Mesmo assim, pode sacar.

BULUNGA – Você é feliz sendo um peixe?

BAGRE – Uma satisfação fugaz como obter um bom alimento, o acasalamento, ver os filhotes brincando, talvez não possa ser considerado “felicidade”, pois nos leva a refletir sobre a necessidade de um estágio mais duradouro, quase permanente, um modo de encarar a vida, independente das agruras. Não diria que sou feliz: apenas vivo.

BULUNGA - É uma resposta meio “deprê”, não acha?

BAGRE – Não: estou sendo honesto. Você é feliz? Ou melhor, você é feliz na maior parte do seu tempo?

BULUNGA – Acho que sim.

BAGRE – Talvez você não seja feliz, mas iludido. Você pode estar fantasiando com uma EXPECTATIVA de ser feliz, de poder se aposentar um dia, ainda jovem, para poder curtir a vida em uma casa de praia, ou em um sítio, mas sonhando com a possibilidade de, antes disso, ganhar na loteria...

BULUNGA – Eu me divirto com várias coisas do dia-a-dia... gosto do meu trabalho, tenho uma família estruturada, pertencço a uma igreja, vejo bons filmes e leio bons livros...

BABRE – Você é uma exceção. A maioria dos humanos não pensa assim. A maior parte está insatisfeita com a profissão, com o que ganha, comparado aos outros em melhor posição.

BULUNGA – Como você sabe disso?

BAGRE – Os animais acessam a consciência coletiva pregada por Carl Gustav Jung. Nós temos a percepção da natureza, inclusive dos humanos. Mas vocês não entendem dessas coisas...

BULUNGA – Interessante essa sua perspectiva sub-aquática. Foi muito boa a conversa, mas vamos ter que encerrar. Tem mais alguma coisa a dizer?

BABRE – Glub, glub.

BULUNGA – O quê isso quer dizer?

BAGRE – É um termo muito usado entre os vertebrados subaquáticos. Significa: “olhe para dentro de si mesmo e fique em paz”. É uma espécie de mantra. Os peixes sempre usam essa frase quando estão dentro dos aquários, sendo observados pelos humanos, que parecem bobos. Alguns chegam a imitar nossos movimentos bucais. E ainda tem os imbecis que inventam de dar batidinhas nos vidros com os dedos, o que provoca uma vibração terrível para quem está lá dentro.

BULUNGA – Eu pensava que aqueles movimentos que vocês fazem com a boca era porque estavam bebendo água...

BAGRE - Peixes não bebem água.

BULUNGA - Não bebem?

BAGRE – Apenas retiramos o oxigênio que tem nela. Não sabia? Vivendo e aprendendo...

BULUNGA - Realmente, tenho muito ainda a aprender...

BAGRE - Nunca é tarde!



Olha o humano
achando que
vai viajar
e me deixar
sozinho!
Faz isso não!
Vai ler um
livro, que
eu fico no seu
colo!

seboearte.com

PERDI O LIVRO!
E AGORA?



Vai lá!
seboearte.com



um encontro marcado com

FERNANDO SABINO

Jorge F. Isah

A primeira coisa que me chamou a atenção foi a fluidez da narrativa, quase uma corrida tresloucada empreendida pelo autor para “prender” o leitor. Há uma profusão de imagens, diálogos e cenas a se atropelarem umas sobre as outras, como se estivessem a competir entre si; tal qual o personagem principal Eduardo Marciano (um alterego de Sabino?) fazia enquanto atleta da natação. Há também cortes abruptos e “finais” sem fim, para que o próximo ato não se perdesse em meio às superficialidades narrativas. Mais do que uma apreciação, e menos do que uma censura, o fato é que dá para ler “Encontro Marcado” de uma sentada só. Nesse aspecto, temos um ponto a favor.

A segunda foi a futilidade ou melhor, a falta de propósitos de uma geração, especialmente dos autores mineiros. Em meio ao “Estado Novo”, a 2ª Guerra Mundial, a “Guerra Fria”, e a ascensão comunista na Europa, Eduardo e seus amigos Hugo e Mauro (a tríade etílica mais que literária), se consumia em porres homéricos, sexo fortuito, intrigas, arruaças, e uma busca existencialista, quase niilista, que os levava à angústia e ao desespero. Mesmo sabendo que a juventude é palco para as aspirações menos “nobres” e dignas da vida, eles se aplicavam a superar, em muito, o vulgar e ordinário. Ainda que tudo parecesse uma “farra”, onde os desejos eventuais se pareciam vícios, no desequilíbrio de uma rotina nociva e autodestrutiva, Eduardo, um católico não praticante, atormentado pelas dúvidas em relação a Deus, apegava-se à invocação carnal, intelectual, como remédio para a insatisfação espiritual. E não se pode livrar de um problema com o tratamento para outro problema. Na verdade, a baixa disposição moral, o orgulho exacerbado e pretensa superioridade faziam agravar ainda mais a insatisfação existencial, à medida em que o tempo passava e nada daquilo a que se propunham chegava a bom termo.

O terceiro aspecto foi a nítida impressão de um livro escrito “às pressas”, de aparente superficialidade, mas que, na verdade, discute, e, quando não o faz, apresenta os temas mais importantes da humanidade e que torna o homem no que ele é, um ser ambíguo, duplo, quebradiço, instável. A modernidade fez, no sentido do ceticismo,

hiperbolizar essas características ao ponto de perder-se tal qual o cego buscando a agulha em um palheiro. Portanto, não se iluda com a linguagem pretensamente despojada, porque ela guarda muitas surpresas ao leitor atento.

Com o mote de um “encontro marcado” entre os amigos, no futuro (coisa que quase todo mundo prometeu fazer mas não cumpriu), temos na verdade a busca pela realização e o encontro com uma realidade nada idealizada. Eduardo, por exemplo, buscava sempre a ideia brilhante para um grande romance despontar e nunca acontecia. Se dispunha a sacrifícios em prol da arte da escrita, mas ela se lhe apresentava ingrata e nula. Apesar dos artigos, contos e poemas esporadicamente publicados na imprensa, a sua obra notável permanecia irrealizada, inédita. Persistia, contudo, a busca pelo sentido; e este cada vez mais se mostrava distante da vida burguesa a qual se propunha, regada a “sexo, drogas e rock”.



Interessante notar que, pelas vias biográficas, a história nos mostra que o homem sempre esteve às voltas com a distração; os prazeres carnavais e intelectuais seriam a “ponte de salvação” para a humanidade, mas se mostrou, em todos os casos, apenas devastadora e falaz. Enquanto o homem busca, em si mesmo, a razão para a “vida”, seus esforços serão menos do que insensatos e mais do que tolos. Existe no homem a necessidade de Deus, e ela não pode ser preenchida por nada além do próprio Deus. Por isso o homem ergue ao “patamar de Deus” o conhecimento, a ciência, o sexo, os vícios, o dinheiro, o poder, o trabalho e qualquer outro ídolo a substituí-lo, sem, contudo, se sentir plenamente realizado e satisfeito. Eduardo é assim. Na busca de sentido, perdeu-o em alheação e descuido. Restou-lhe a solidão e os vícios a tentar preenchê-la.

Algo nele está a apontar para Deus, na forma da religião ou tradição religiosa, mas ele não a busca verdadeiramente, até se ver por completo alijado do mundo construído à sua volta (este sim, à custa dos seus esforços), e resta-lhe os conselhos do amigo monge. Ainda assim, não existe disposição para encarar a realidade da sua auto insuficiência, e seus questionamentos parecem mais uma satisfação à sua (in)consciência, sem a pretensão ou o desejo de encontrar respostas às perguntas. Não parece haver sinceridade, apenas desespero. Nem uma busca real, mas o despiste e a negação da razão. Sim, interpelar-se significava acomodar a consciência, em uma fuga contingente, sem o objetivo de alcançá-la. Nesse sentido, o “encontro é desmarcado”, e suas buscas infrutíferas e não desejadas.

Eduardo é a personificação de uma geração, digo, de muitas gerações de artistas, em épocas e lugares diferentes, envolvidas pelo fracasso. Tinham todos os recursos para se destacarem em seu tempo, mas preferiram a permanência em uma “zona de desconforto”, no qual a insatisfação e a auto vitimização encarregaram de derrotá-los. O ego exacerbado e o orgulho jogaram uma pá de cal no talento e na disposição natural, levando-os ao fiasco. Não apenas como artistas, mas como homens.

Fernando Sabino trata deste homem: o homem perdido e não encontrado. O homem buscado e nunca achado. O homem de intentos, mas sem sentido. Os sentimentos prevalecendo sobre a razão. Cada vez mais ressentido, contristado, combalido. E o tempo passa, e nada muda. Porque o sentimento verdadeiro se perdeu em meio à algazarra de todos os espíritos consternados, aflitos. De uma aflição artificial, feita a fórceps, e por isso ainda mais desordenada e letal.

Este livro foi uma grata surpresa, especialmente porque, na minha adolescência, havia lido alguns livros de Sabino, e não guardava nada daquelas leituras. Abriu-me o apetite em ler, e ler, outras de suas obras.



Avaliação: (***)

Título: O Encontro Marcado

Autor: Fernando Sabino

Editora: Record

Número de Páginas: 296

Sinopse: "Esta é a história de um jovem em desesperada procura de si mesmo e da verdadeira razão de sua vida. Quase absorvido por uma brilhante boêmia intelectual, seu drama interior evolui subterraneamente, expondo os equívocos fundamentais que vinham frustrando sua existência e sufocando sua vocação. O encontro marcado é a história de Fernando Sabino? Sim, mas não se trata de uma autobiografia. É a história atormentada de toda uma geração, naquilo que ela tem de essencialmente dramático. Em meio às confusões da vida, procura-se um valor que dê sentido à desconcertante experiência pessoal de quem trava um duelo de morte com a vocação furtiva. História de adolescência e juventude, de prazeres fugidios, desespero, cinismo, desencanto, melancolia, tédio, que se acumulam no espírito do jovem escritor Eduardo Marciano, um homem que amadurece num mundo desorientado. Ele vê seu matrimônio quebrar-se quando já não pode abdicar; por força de sua própria experiência, o suicídio deixa de ser uma solução. Nessa paisagem atormentada, ele deve renunciar a si mesmo, para comparecer ao encontro com uma antiga verdade."

BULUNGA REPÓRTER



O **Bulunga Repórter** de hoje vai levá-lo ao misterioso mundo das organizações secretas, que se utilizam de um linguajar totalmente diferenciado para se comunicar e invocar poderosas entidades, sem que as pessoas comuns, também conhecidas como “trouxas”, ao menos desconfiem e repitam inocentemente esses poderosos “mantras”. Quantas gerações não ouviram o grito primal de Fred Flinstone, naqueles desenhos de Hannah & Barbera, que animavam as manhãs e tardes da criançada dos anos 1960/70, que dizia: “Ya ba da ba dúúúúúúú”, sendo que alguns ainda acrescentavam um “zi” ao final, o que fomentava ainda mais a fúria da entidade invocada?

Dizem que esse grito seria utilizado em rituais envolvendo feiticeiros Maías, que saíam dos seus túmulos para ensinarem a quem os invocasse os procedimentos para encontrarem ouro e pedras preciosas, em troca da própria alma.



Mas vocês também devem se lembrar do trecho da música “Across the Universe”, dos Beatles, composta por John Lennon, que dizia “Jai guru deva om”. Para quem não sabe, Lennon compôs esta letra logo depois de brigar com sua então esposa Cíntia, e foi aí que surgiu a entidade denominada Yoko Ono, que foi a responsável pelo fim da famosa banda.



John Lennon



Os Beatles também eram chegados nos ensinamentos do mago Aleister Crowley e também de Timothy Leary, responsável pela introdução do LSD no universo hippie. Estudiosos no assunto ainda não obtiveram sucesso em desvendar o significado de letras como “oh, bla di, oh bla da”, mas com os recursos da Integência Artificial podemos estar mais próximos de colocar um fim a este mistério.

Mas o maior enigma, porém, está por trás da música “Ragatanga”, do grupo brasileiro Rouge, que durou pouco tempo, mas que deixou muita gente preocupada com o potencial de sua letra, e das consequências tsunâmicas de sua invocação:

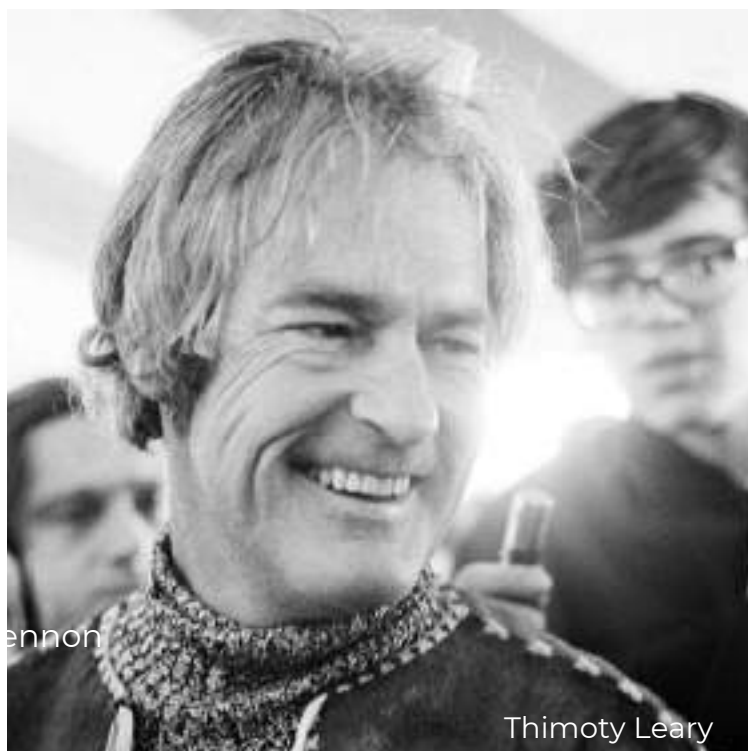


Aleister Crowley

“Aserehe ra de re
De hebe tu de hebere seibiunouba mahabi
An de bugui an de buididipi”.

Quem em sã consciência escreveria uma letra dessas? Somente Djavan com a sua enigmática letra que fala “açaí, guardiã, zum de besouro, um imã, branca é a tez da manhã”.

Talvez essa letra seja capaz de fazer despertar demônios e zumbis, e muitos acreditam que conseguirá invocar o espírito de Michael Jackson, que sairá das profundezas cantando Thriller, com a finalidade de capturar inocentes criancinhas.



Thimoty Leary



No passado, víamos homens e mulheres que se sentiam inadaptados e que sonhavam com a mudança de sexo. Mas isso hoje já é uma realidade: através de kits que podem ser adquiridos em supermercados e farmácias, as pessoas podem mudar sua condição sexual a hora que bem entenderem, podendo ser feitos os correspondentes procedimentos, até mesmo, fora do ambiente hospitalar. Não satisfeitos, agora querem assumir a sua condição animal, promovendo transformações corporais para se parecerem com cães, gatos, onças, lobos, lagartos e até capivaras. Mais recentemente, inventaram a “transdeficiência”, a exemplo do episódio em que uma adolescente decidiu se cegar, pois “sempre se via não se vendo”. Alguns jovens já se decidem a extirpar partes do corpo, como narizes, orelhas, mãos e pés, ou até mesmo braços e pernas inteiros, por se sentirem melhores assim. Só falta extirparem as próprias cabeças, mas a ciência ainda não conseguiu estabelecer uma forma de mantê-los vivos por muito tempo dessa maneira, apesar de a maioria conseguir sobreviver acéfala. Vejam a seguir um rápido diálogo entre um elemento trans e um médico plantonista.

O MUNDO É TRANS

- Qual é o seu nome?
- Bruna Stefany Audrey Bunchën Meneghel
- Aqui consta Gildásio Roberval Silva
- É que ainda não pude alterar a carteira... mas eu sou mulher. MULHER!
- Mas eu sou um urologista... e você veio aqui para verificar um problema na próstata...
- Estava crente que eram ovários...
- Não encontrei nenhum ovário em seus exames. E eles ficariam um pouco mais para cima...
- Ah, desculpe-me: pode ter sido um engano...
- De qualquer maneira, acho bom você iniciar um tratamento, pois foi verificada uma alteração em sua... próstata.
- É que eu estou tomando uns medicamentos para a transição...
- Transição...
- Sim! Eu nasci MULHER... mas em um corpo errado.
- Talvez você consiga reclamar sobre isso no PROCON. Mas, por hora, vamos iniciar o tratamento. Iremos que fazer uma cirurgia.
- Ah, então aproveita e tira essas coisas que estão aí embaixo me incomodando. Não aguento nem ver. Deixa tudo lisinho.
- Nesta clínica nós não realizamos essa espécie de procedimento...

- Ah, você é homofóbico? Vou denunciá-lo ao Ministério da Diversidade! E você vai ter o seu registro de médico cassado, será processado, preso, perderá o seu emprego, sua família o abandonará, perderá o pátrio poder sobre os seus filhos e terá o seu nome na lista dos inimigos do povo. Será será perseguido onde quer que vá, será execrado, terá seu crédito negado, até mesmo no Carrefour e na Magalu, não poderá entrar em cinemas e teatros, prestar concursos públicos e terá todos os seus bens confiscados.
- Pensando bem, vem cá que eu corto essa sua verruginha.



ClodoKill

Fernandes

A situação não está nada fácil, nem mesmo para os bandidos. Ontem, enquanto caminhava por uma avenida central da cidade, fui abordado pelo grito: passa, passa tudo, mané!... Olhei para ele e pareceu alguém muito normal. Não era o estereótipo do ladrãozinho pé-de-chinelo, e significava que as coisas já não eram mais como antes. Usava uma calça jeans nova, tênis de marca novo, camiseta nova, uma pulseira de couro no braço esquerdo e óculos escuros, provavelmente falsificados, porque não conheço ninguém que não os compre nas lojas de R\$ 10,99, made in Burkina Faso. Estava com uma bicicleta TSW Hurry, verde metálica, e fones de ouvido Beats.

Faltou apenas o iPad no guidom com o GPS ativado. Fiquei a pensar em como o roubo pode mudar em muito a vida de alguém, ao menos, esteticamente. Subtrair não era apenas a profissão do passado, prometia atravessar o presente e alcançar o futuro com uma prosperidade inabalável e com uma liberalidade despudorada.

Como disse, nem parecia um bandoleiro, e cheguei a pensar, no primeiro instante, tratar-se de uma pegadinha, dessas que os programas de tv não se cansam de produzir há décadas e décadas, surrando impiedosamente os telespectadores no corner do ringue, sem direito a contagem de tempo depois do nocaute.

- Passa o quê, amigo? - Eu disse, abrindo os braços, afastando as pernas e mostrando-me como era, ou melhor, como estava... Se estava e não era, certamente ele não poderia discernir; mas o que os olhos não veem, o coração não sente, e os seus olhos se espantaram com o visto, pois demorou alguns segundos para responder.

- Tudo! Vamos! Anda logo! Não tenho o dia todo!

- Não tenho nada, sério. Estou na maior pindaíba... não tenho nem um tostão furado...

- Passa o celular!!

- Não tenho. Pode ver. - Levantei a camisa. Puxei os forros dos bolsos para fora. Virei as costas e mostrei os traseiros também. Levantei as barras da calça e mostrei as canelas finas, completamente peladas, sem meias e o cano puído da botina em pvc.

- A carteira, vamos!!

- Não tenho. Você já viu que não tenho. Olhou para os braços a procura de um relógio.

Depois, o pescoço, e nada de correntinha.

- Levanta o cabelo!

Obedeci, e nada de brincos, argolas ou acessórios. Ele me encarou, examinando-me de alto a baixo.

- Nem uma porcaria de tênis que valha a pena roubar você tem?... Nunca vi um pobretão mais desgraçado do que você!

- Pois é, os tempos são difíceis... Fui demitido e não consigo emprego. Fui despejado do barracão que morava por falta de pagamento. Me deixaram com a roupa no corpo. Tem dois dias que não como. Tomei água na fonte do parque, e olha que ela até não estava com o gosto muito ruim como da primeira vez. Durmo em marquises quando chove e no relento quando faz calor. Estava ganhando uns trocados lavando carros, mas alguém me denunciou e os fiscais da Prefeitura vieram, me tomaram o balde, a esponja e flanelas, o sabonete e o "pretinho", e disseram que não poderia lavar carros em áreas públicas sem licença. Perguntei como conseguir a licença, e eu teria de enfrentar uma fila de espera, apresentar comprovante de endereço, pagar três taxas de uma vez, preencher cinco formulários diferentes, carta de bons antecedentes, nada consta no Serasa, conta bancária e renda comprovada de cinco salários-mínimos...

Como permaneceu quieto, prossegui:

- Se eu tivesse tudo isso, jamais seria flanelinha, disse para os fiscais. Um deles me olhou indignado, como se eu tivesse xingado a sua mãe e avós juntas, e retrucou, meio entre os dentes:

- Tem gente que quer... tem gente que quer e pode querer...

E soltou um risinho sórdido e arrogante.

O ladrão me interrompeu, enfim:

- Sério, cara! Você não tem nada?! Nada mesmo?!

Revirei os bolsos e havia apenas a carteira de identidade. Puxei-a e mostrei para ele.

- Foi o que me restou...

- Serve!

Puxou-a da minha mão e saiu em disparada. Fiquei sem reação, completamente dominado pela apatia, incapaz de sequer gritar e pedir ajuda. Mas, afinal, quem vai berrar "ladrão, pega ladrão!" por causa de um pedaço de papel plastificado?

SPOILLERS

Esta coluna foi feita para falar de filmes antigos e ruins, para que o leitor/espectador não perca o seu precioso tempo com essas coisas, normalmente exibidas na NETFLIX ou em outros streamings, e por isso contamos tudo, inclusive o final. Mas desta vez vamos abrir uma exceção, para falarmos de um filme bom, um clássico, talvez o melhor "cult" de todos os tempos, "PULP FICTION", traduzido para o português como "Tempos de Violência". Realmente, o filme é violento, mas não deixa de ser uma excelente diversão.



Esta não é uma comédia. Podemos falar que é um filme de ação, com muita violência, mas ainda assim dá vontade de rir em determinados momentos, um "riso nervoso", confesso, mas ao final não poderemos fazer outra coisa senão aplaudir de pé este que foi considerado um dos melhores filmes "cult" de todos os tempos. A forma como foram montados os "flash-backs", começando pelo meio, indo para a fim, "rebobinando" um



pouco, pulando uma ou duas partes e retornando ao meio, que é o final, tornou este filme sensacional, mesmo com aquela longa cena em que o Capitão Koons (Christopher Walken) conta para o menino Butch a história do relógio do seu pai, que teve que ser escondido em lugares escuros, quentes e fedidos para não ser confiscado pelos

vietcongs.

Butch Coolidge (Bruce Willis) é um lutador de boxe que descumpre um trato feito com o temível mafioso Marcellus Wallace (Ving Rhames), para perder uma luta que era uma "barbada", e por isso tem que fugir da cidade com sua namorada Fabienne (Maria de Medeiros). Neste intervalo, Wallace incumbe seu capanga Vincent Vega



(John Travolta) para levar sua entediada esposa Mia Wallace (Uma Thurman) para jantar, enquanto faz uma viagem a negócios. Foi o suficiente para termos a mais icônica cena de dança do cinema, ao som de Chuck Berry, com "You Never Can Tell".

O filme gira em torno dessa caça a Butch, feita pela dupla formada por Samuel L. Jackson (Jules Winnfield) e Travolta. Mas a coisa não é tão simples quanto estou narrando, pois



existem cenas absurdas, como a que se desenrola na loja de utilidades em que aparecem os maníacos Zed (Peter Greene) , Maynard (Duane Whitaker) e "The Gimp" (Stephen Hibbert), a overdose de Mia, a aparição de Mr. Wolfe (Harvey Keitel), entre várias outras, quando o espectador chega a torcer fervorosamente pelo sucesso por um ou outro bandido, mesmo sabendo que não salva um.



O elenco conta ainda com Tim Roth, Amanda Plummer, Erick Stolz, Rosanna Arquette. Uma obra inesquecível, que dá para ver uma, duas, dez vezes (como no meu caso), sem se cansar. Foi o melhor trabalho de Quentin Tarantino, um ex-balconista de uma locadora de filmes, que assistiu de tudo, resultando nessa exótica e maravilhosa miscelânea, que dá a impressão que o diretor está avançando e rebobinando a fita (VHS) várias vezes.

Tarantino era fã de filmes de ação e de karatê, e sua maior realização pode ter sido dirigir David Carradine, famoso por sua antiga série de TV "Kung-Fu",



em seus filmes "Kill Bill, Volumes I e II", estrelados por sua musa Uma Thurman. Mas o primeiro sucesso de Tarantino teria sido o violento "Cães de Aluguel" (1992), que contou com Harvey Keitel e Tim Roth no elenco, uma prévia do que seria "Pulp Fiction" (1994).

Tarantino voltaria a fazer um relativo sucesso, mais tarde, com "Bastardos Inglórios", "Django Livre", "Os Oito Odiados" e "Era Uma Vez em Hollywood",



mas sem a excelência de seu mais famoso trabalho, que na época ganhou o Oscar de melhor roteiro original, além de diversas outras premiações em festivais, inclusive para seus atores Travolta, Thurman e Jackson. Retornando ao famoso filme, é exatamente por causa dessa bagunça entre meio, fim e começo é que não dá para fazer um spoiler, e você terá mesmo que assistir e tirar suas próprias conclusões. Só posso adiantar que o personagem de Travolta morre no final, ou melhor, no meio, mas fica até a última cena, que é a sequência da primeira. Boa diversão!



A PANTERA COR-DE-ROSA

Othon Cávado

Os mais velhos certamente se lembrarão. Os não tão velhos também. E, até mesmo os mais jovens e imberbes talvez não tenham passado incólumes à influência do elegante, esguio e atrapalhado felino. Se existe um personagem entre tantos famosos na história cinematográfica e televisiva este é, certamente, a “Pantera Cor-de-Rosa”, a “Pink Panther” produzida inicialmente por Blake Edwards e depois pelos estúdios DePatie-Freleng.

Tudo começou meio que por acaso, não o personagem em si, mas o estrondoso sucesso mundial; ninguém esperava ou sequer supunha que a rápida aparição de um personagem em um filme de grande sucesso ganhasse a cena, a atenção de milhões de espectadores e se tornasse um fenômeno de público e crítica.

Em 1963, Edwards exibiu o personagem no filme “The Pink Panther”, estrelado pelo genial Peter Sellers (já teve um artigo memorável sobre ele nesta conceituada revista), David Niven, Claudia Cardinale, entre outros. A trama continha um inspetor atrapalhado, Jacques Clouseau (Sellers), responsável por solucionar uma sequência de furtos, a culminar na mais valiosa pedra do mundo: o diamante cor-de-rosa, subtraído da princesa Dala (Cardinale) pelo sofisticado playboy Sir Charles Lytton (codinome “O Fantasma”, interpretado por Niven). O felino apenas introduzia o filme, em poucos minutos durante a abertura e créditos, a fim de dar um tom elegante, gracioso e refinado. Entretanto, o que era um detalhe ganhou o apelo popular ao encantar e fascinar, e se tornou mister prolongar a sua vida incidental.

Na década de 1960 até os anos 1980 foram realizados mais de 120 desenhos de aproximadamente 6 minutos de duração. O sucesso foi imediato, conquistando um séquito enorme de fãs em todo o mundo. A música tema, criada pelo famoso maestro Henry Mancini, acrescentou ainda mais sucesso, requinte e humor ao gingar matreiro e vistoso da Pantera (nitidamente britânico e sofisticado, com a

longa piteira acesa entre as mandíbulas). Já em seu início, em 1964, o episódio piloto, “The Pink Phink” (em português: “A pantera pinta o sete”), se tornou o primeiro desenho animado a ganhar o Oscar.

A Pantera Cor de Rosa tem os elementos da era de ouro dos desenhos: nada de lacração, de politicamente correto, de apologia ideológica e política, mesmo fazendo, aqui e ali, críticas à sociedade moderna. O viés é tão somente divertir, produzir gargalhadas e conquistar os corações de adultos e crianças com sua esperteza pontuada por boas doses de confusão e situações inusitadas. De forma simples, as vezes ingênua, ela acaba quase sempre por escapar dos perigos iminentes, provocados em sua maioria pelos humanos, em especial, o baixinho narigudo e ranzinza que dá vida a muitos tipos diferentes (encanador, inspetor, pintor, turista, etc). Nem sempre funcionava, e em alguns finais ela se deu mal.

A Pantera Cor de Rosa é um dos personagens mais emblemáticos da história. Conquistou gerações e ainda pode ser vista em canais a cabo, streaming e, para os saudosistas, em dvd’s. Um “bon-vivant”, calmo, relaxado, astuto e silencioso (em 1993, ouviu-se, pela primeira vez, a sua voz, masculina, o que deixou os fãs desapontados, habituados com o seu mutismo e o expressar-se por gestos e mímicas), com o seu jeito despojado e curioso, levemente indiscreto, produziu situações hilárias e desconcertantes.

Se você, como eu, viu a saga de um dos gatos mais amados do planeta (possivelmente comparável apenas ao Garfield, ou este a ele), não deixe de rever. Se não viu, veja, é uma ordem! Particularmente, guardo os dvd’s da série clássica. Vez ou outra, armo-me do meu player, coloco o disco, e me divirto com o excêntrico gato mais humano de todos os tempos. Não é uma afirmação negativa, nem entretanto otimista, apenas ressalta a ambiguidade do homem e, porque não, de uma doce, pacífica mas indiscutivelmente fina e sagaz pantera.





O Menor Espetáculo da Terra

Guido Malaparte

Quase ninguém da grande mídia noticiou o esquema bizarro, vil e criminoso envolvendo uma ong de direito dos animais. Por mais estranho que pareça, quase imediatamente após a prisão da principal acusada de arquitetar e executar hedionda barbárie, uma decisão judicial impediu qualquer alusão à ONG, sua diretiva e, por conseguinte, dos inculpatados, sob pena de prisão e multas progressivas, sem que houvesse em toda a decisão forense um único argumento plausível e legal, restando ao magistrado justificar-se com o ditério: preservar a democracia e impedir atos antidemocráticos.

Talvez, por isso, mas não somente por isso, houve um silêncio perverso em noticiários, noticiosos e ordinários, somente quebrado por eminente portal que imediatamente, após veicular a manchete, teve bloqueadas as suas contas bancárias, receitas e multada em U\$ 1.404.040.404,40, valor tão sugestivo como a própria multa; e o boca-a-boca tratou logo de associá-la a certa história das mil e uma noites, e a chamá-lo, o incidente, de “fecha-te-sésamo”.

O referido Portal (tornou-se proibido citar, mencionar ou se referir nominalmente a ele), em um último estertor, publicou na edição seguinte denúncias contra o cercear da imprensa, o fim da democracia, o acoitamento de bandidos e a injustiça com os cidadãos de bem, além de manipular fatos, dados e omitir a realidade em favor de fábulas corporativistas.

A verdade é: se não fosse o tal portal, ninguém, hoje, amanhã ou depois, saberia do ocorrido. E mesmo com as ameaças, punições e reclusão de quase todo o corpo jornalístico, enquanto foi possível manifestaram-se veementemente contra o fim da liberdade. Durante isso, os demais periódicos especializaram-se em abarrotar páginas e telas com receitas culinárias, moda outono-inverno, o mais novo escândalo das apostas esportivas e o esmiuçar-se dos detalhes mais sebotados e frívolos dos reality-shows e novelas.

Estou aqui como um jornalista independente, mes-

mo trabalhando como escravo para a Revista Bulunga, o que não me torna independente nem escravo, talvez as duas coisas ou nenhuma... se considerar entre uma e outra, pode ser provável o escravo trabalhar independente do dono, mesmo sendo ele o seu próprio dono e, até mesmo dono do dono que lhe paga, independente de quanto paga e quanto se recebe... Ah, importa mesmo dizer que este textículo não tem nada de elucidativo ou interpelativo, e seja de fato tão somente apelativo à ignorância do leitor e de quem vos escreve... Ao meu editor, não tenho nada a dizer, já que ele não me deixou dizer o que devia quanto mais deixará que eu diga o que queria, mas se me chamar para um churrasco ou chimarrão, estarei disposto ao sacrifício e a passar por cima de tudo. Isso não o isenta de culpa, mas ao menos me fará ser sempre indolente e contemporizador e, como vingança, comerei até estourar as presilhas da cinta abdominal...

A verdade, nua e crua, é que ele não me permitiu citar o ocorrido, dar nome aos bois e vacas, e cumprir a minha vocação profissional. Entendo as necessidades do veículo, de ainda não ser grande o suficiente para peitar o mainstream pusilânime e intransigente. Reconheço: não é tarefa para muitos; e até mesmo os maiores grupos editoriais colocaram a violinha no saco. De qualquer maneira, pelo menos, posso dizer o que não quero dizer e não dizer o que quero dizer, sem perder o emprego e ir parar em um gulag equatorial.

Então, nada mais justo do que terminar este texto falando do que todo mundo anda alardeando como a notícia do ano, não da década, talvez, do século: o casamento da Mulher Jaca com Zangão, um dos anões do circo Catatau, autodenominado “o menor espetáculo da terra”; não tão pequeno a ponto de o país inteiro poder assistir a essas e muitas outras gabolices... Ao mesmo tempo em que me preparo para dormir às três da tarde... Bons sonhos!



A GAROTA MAIS LINDA E O AEDES AEGYPTI

Jorge F. Isah

Ela era uma mulher bonita, na verdade, linda. daquelas que as pessoas passam e, por mais distraídas, não deixavam de notá-la. Ainda era muito jovem, recém-saída da adolescência, e tinha um magnetismo, uma simpatia, um carisma incomum. Se havia nela todos os requisitos da máxima beleza, quem desfrutasse do seu convívio diário se certificaria da sua educação, leveza e otimismo. Nada era mais importante para ela do que tratar bem as pessoas, ser atenciosa com elas e demonstrar carinho e apreço, mesmo as que não mereciam, pois era capaz de encontrar virtudes até mesmo no diabo.

Havia passado em uma concorrida faculdade de medicina, ganhara uma bolsa integral, e sonhava em se especializar em geriatria ortomolecular, pois imaginava ser muito útil na medida do envelhecimento dos avós, pais, tios e, de forma geral, de boa parcela da população a viver mais e a enfrentar os inúmeros obstáculos orgânicos a se impor com o acúmulo de décadas.

No fundo, desejava o bem-estar de todos, fossem crianças ou adultos, homens ou mulheres; e caso pudesse contribuir de algum jeito na melhora da qualidade de vida dos seus pacientes, isso a impulsionava a se dedicar ainda mais aos estudos até o momento de tornar em prática toda a teoria acumulada. Se já era ótima aluna, notabilizando-se em meio aos colegas, algo a impulsionava a ir mais longe, a buscar a excelência em sua graduação, talvez um pouco por vaidade e por ser competitiva, mas sempre tinha em vista, em primeiro lugar, o quanto poderia auxiliar a humanidade. Se alguém pudesse ler seus pensamentos diria não passar de pretensão e vaidade, mas estaria certamente muito distante dos reais intentos daquela garota.

Era notória a visibilidade que alcançava, sempre alvo de cochichos, fofocas, boatos e difamação, ao mesmo tempo em que chamava a atenção e a admiração de poucos. Podia-se ouvir, aqui e acolá, alunos e professores, vizinhos, parentes e amigos, e seus olhares emulatórios, denegrindo-a não por aquilo que ela era, mas pelo que eles não eram e jamais seriam. As mulheres, em especial, formavam grupinhos e espalhavam todo tipo de calúnia: ela fedia, tinha chulé, mau-hálito e se fingia de “santinha”. Os homens a desejavam ardorosamente e como não estava ao alcance de suas mãos, inventavam histórias onde a rejeitavam e humilhavam. Na verdade, corria a boca miúda que ela era virgem e pretendia se entre-

gar apenas ao homem da sua vida, quando o conhecesse e após o casamento. Isso deixava ainda mais fúria da vida as garotas, muitas iniciadas sexualmente aos 12, 13 anos, quando ainda dormiam com suas bonecas. Ninguém entendia o que se passava na cabeça dela: deixar de desfrutar a vida, de aproveitá-la no auge do vigor e juventude, para fazer planos tão, digamos, retrógrados e conservadores.

Certa vez, em sala de aula, uma professora acusou-a de ser a vergonha da escola, e de não merecê-la, por não se engajar nas causas feministas e ainda por cima defender valores do patriarcado e do machismo institucional. A humilhação somente não foi maior porque um colega começou a gravar as ofensas e a “mestra” teve a sua atenção distraída, enquanto o acusava de invadir a sua privacidade, dela não poder ser filmada, que levaria o caso à direção, que ele seria expulso da escola, e então partiu para as ofensas intercaladas com palavrões, enquanto o rapaz ria do seu destemper. Após o disse-me-disse, deixa disso, e dos apartes dos demais alunos, o clima arrefeceu-se e a garota mais linda da cidade permanecia em seu lugar, silenciosa, constrangida é verdade, mas sem se dispor a qualquer reação.

Alguns sugeriram que ela entrasse com uma ação disciplinar contra a professora e houve quem defendesse um processo de calúnia e danos morais, mas ela não quis sequer ouvir as sugestões.

- Deixa para lá!... Isso não me interessa e nem vai me ajudar em nada... Obrigada, mas não quero me distrair com bobagens.

Então foram à professora e disseram que a Garota havia confirmado, com todas as letras, que tudo o que a mestra dizia era bobagem. Acabou por provocar a ira e a revolta da mulher que, com base nas testemunhas, solicitou a expulsão da malquista alegando racismo, homofobia e crime de ódio. Sem querer, a Garota havia ganhado o que não queria. Por quase um mês inteiro, houve audiência com o quadro diretivo da faculdade, um verdadeiro tribunal letivo, onde achou-se por bem pôr panos quentes na coisa, visto o rapaz, aquele do vídeo, colocar-se à disposição para divulgá-lo quando necessário. Como a Garota queria apenas acabar com aquilo e voltar à sua vida escolástica, as duas assinaram um termo de não agressão mútua, o que desagradou sobremaneira a professora: se via injustiçada e tendo de selar acordo com uma fascistoide e antifeminista; porém, trouxe finalmente paz à aluna.

Entrementes, as acusações da professora ganharam repercussão, e talvez por estarem nas últimas semanas de atividades, os boatos se tornaram cada vez mais insistentes a ponto de a maioria ver a Garota como delinquente, a ganhar olhares transtornados e capciosos. Havia alguns poucos a defendê-la, mas sempre eram silenciados por ameaças docentes e por acusações descabidas, e aquilo poderia ser um divisor de águas entre aprovação e bomba... A Garota se viu deixada à própria sorte... E os olhos vivos e inabaláveis começaram a embaçar, anuviarem-se.

Ela não entendia o porquê de toda aquela perseguição: nunca se envolvera em disputas políticas, ideológicas, em discutir assuntos polêmicos e dar opiniões a torto e a direito como a maioria sistematicamente fazia. Se um assunto lhe chamava a atenção, procurava se informar por meio de livros, aulas e cursos virtuais ou conversas com os pais e pessoas mais velhas. Sabia ser impossível um diálogo benéfico e frutífero com jovens inexperientes e falastrões. Mesmo percebendo a capacidade de um e outro, no ambiente escolar, por prudência evitava-os; vira tantos bate-bocas chegarem às raias do absurdo, escárnio e ira, alguns às vias de fato, que era melhor procurar informações em um ambiente seguro e benigno.

Foi quando começaram a hostilizá-la ferozmente. Um grupinho começou a xingá-la dos piores e mais baixos adjetivos, acompanhado de um estardalhaço grotesco e caricato. A maioria não participava ativamente das manifestações, mas permanecia passiva, assistindo sem reação. Nem os antigos defensores, diante da obsessão daquela minoria, quiseram se envolver. Entrava sob vaias e insultos, saía sobre ofensas e ataques; onde estivesse, não tinha sossego, sempre havia duas ou três a importuná-la. Pela primeira vez, sentiu-se desanimada e abstraída. Sem respostas, pouco a pouco foi se convencendo de culpa, um deslize a provocar aquele estado de coisas. Mas, o que seria? Qual foi o seu erro? Contra quem ou o quê?... Buscava um motivo, e sempre se deparava com a ideia de não ser combativa, de não se entregar ao escrutínio ideológico e viver às voltas apenas com as fundações da futura vida acadêmica e profissional. Por que não se vestia de vermelho, a estampar a foto do Che? Por que não deixava os cabelos desgrehados, abolia de vez o depilar-se, e não repetia em alto e bom som os bordões filáucios?

Ficou a se remoer; não dormia o sono dos justos, perdera o apetite, não se penteava, a usar roupas descuidadamente, às vezes sujas; os estudos não faziam-na vibrar mais, começou a tomar dois fortes antidepressivos e visitas semanais a um psicólogo. Os mais íntimos assustaram-se com a sucessão abrupta de alterações drásticas, em um intervalo pequeno mas significativo. Em semanas, era praticamente impossível notar traços de abnegação, confiança e autocontrole; tudo pareceu escorrer para o ralo sem a menor esperança de retrocesso. Os pais se questiona-



vam: onde haviam errado? E o sentimento de culpa progressivamente foi-lhes consumindo, à medida que a Garota via no sofrimento deles o pretexto para as suas mazelas. Isso não se deu da noite para o dia, mas foi um processo relativamente rápido, em que ela se deu a si mesmo o indulto e a sentença à família.

Começou tatuando Marx na panturrilha esquerda. Depois, a foice e o martelo na região sacral. Então vieram a bandeira de Cuba, Palestina e Venezuela; a estrela vermelha; Che, Marx, Raul Seixas, Ripoll, Mandela e outros menos votados; frases do tipo: “aquí se respira lucha”, “libertad no se pide se pelea”, “hasta la victoria siempre”, e coisas do tipo. Parecia definitivamente uma parede ou muro pinchado... Deixou os pelos crescerem, os cabelos se emaranharem, colocou alargadores nas orelhas, piercing onde houvesse lugar, fumava maconha e defendia a erradicação dos homens não alinhados ao discurso feminista. Em alguns meses, não havia mais traços da Garota mais linda da cidade, a mais promissora entre todas.

Encontrá-la enfim, tempos depois, abandonar a faculdade de medicina para cursar humanas e se tornar a porta-voz de uma ong pela legalização do aborto, não surpreendeu ninguém. Muito menos quando se tornou a arauta contra o massacre indiscriminado do “Aedes aegypti”.



existe coisa mais

IRRITANTE?

O ITCM (índice de tolerância para o cidadão médio) varia de pessoa para pessoa, mas haveremos de concordar que alguns acontecimentos podem atingir a unanimidade, quando o negócio é irritar. Procuramos enumerar, a seguir, algumas coisas capazes de tirar do sério a mais evoluída das criaturas:

- Meias de cano curto que escapam do calcanhar e embolam dentro do sapato;
- Receber ligações de telemensagem;
- Meninos fazendo malabarismos com bolas de tênis nos semáforos;
- Vendedores ambulantes na praia lhe oferecendo coisas de 5 em 5 segundos;
- Smartphone travando;
- Ser ignorado por garçons;
- Receber troco de bala;
- Vizinho escutando funk com o som a toda altura;
- Morar em apartamento onde os vizinhos de cima usam ferraduras;
- Receber fechada no trânsito e o cara ainda xingar a gente;
- Clicar em sites que travam com banner de 20 segundos;
- Receber mensagens de falsas compras no cartão de crédito, só para você ligar de volta e eles pedirem para você digitar a sua senha;
- Gente falando gerundismos do tipo “estaremos transferindo”, com a mais perfeita conjugação verbal do “futuro do presente”;
- Vendedores de loja dando palpite na roupa que você está experimentando ;
- Discurso de paraninfo em formatura;
- Receber "fechada" no trânsito;
- Escutar no rádio a "Hora do Brasil";
- Gente que conversa “cutucando”;
- Comprar roupa na China e receber um número cinco vezes menor;
- Comprar um celular com a tela à prova de arranhões e perceber que, com o primeiro uso, já está riscada;
- Entrar em um elevador vazio onde algum idiota que desceu pouco antes apertou para parar em todos os andares;
- Entrar em uma loja em dia de liquidação e verificar que não tinha nada do que foi anunciado;
- Comprar sorvete na casquinha e a bola cair no chão antes de ter provado;
- Cerimônia de casamento em que o padre ou pastor faz pregação de mais de uma hora;
- Fazer Declaração de Imposto de Renda;
- Enfrentar fila, qualquer que seja.



Um homem quase comum

Jorge F. Isah

Estefano era um homem diferente. Não havia nada de especial em sua aparência: estatura mediana, pardo, cabelos grisalhos lisos, míope e de óculos, trabalhava em uma contabilidade, casado, pai de duas meninas, e pagando as prestações do apartamento, na zona norte, ainda por vinte anos e meio. Quem o visse, achava estar na casa dos cinquenta e tantos, embora tivesse quarenta e cinco anos. O tempo não havia sido amigável com ele, e podia-se ver sulcos profundos na testa e bochechas, além de inúmeros pés de galinha no entorno dos olhos e rugas no pescoço. Suas mãos estavam salpicadas de manchas de idade, aquelas amarronzadas e escuras que os velhos têm depois de anos e anos expostos ao sol e intempéries. As unhas eram levemente amareladas por causa do alcatrão, e apesar de parar de fumar tabaco havia meses, a coloração não voltara ao normal. Algumas pessoas o achavam pedante, outras sem graça, algumas, insuportável, e ainda havia aquelas a dar a mínima para ele.

A esposa sonhava com um apartamento maior, onde as duas filhas não se amontoariam, na hora de dormir, na sala, lugar em que se davam as refeições e ficava a geladeira, já que a cozinha, minúscula, mal cabia o fogão, a pia, um armário com os utensílios principais e, sobre ele, um microondas. A geladeira, não tão grande nem tão pequena, teve de ficar ao lado da mesa, reduzindo ainda mais o espaço. À noite, o sofá se tornava em cama dupla para as filhas e um ursinho de pelúcia, dividido por ambas, numa espécie de “ménage à trois” ingênuo e casto. Morar nos trinta e cinco metros quadrados era como se quatro sardinhas pudessem viver confortavelmente em uma lata no supermercado...e havia ainda um pinscher atrevido e barulhento quase a maior parte do tempo, mas, ao menos, era insignificante no porte... Não raro pisava e se trombava nele.

No trabalho, Estefano não se distinguia. Não era de muita conversa. Chegava, marcava o seu ponto com o crachá eletrônico, ia até a mesa, tirava da primeira gaveta a flanela, retirava o pó do tampo, da tela do computador, ligava-o, sentava-se, e lia os emails corporativos. Abria o celular e procurava pelo mesmo tipo de mensagens, no aplicativo “business”. Normalmente, não havia nada, as páginas em branco diziam menos o que fazia e mais o que não fazia. A rotina era quase sempre usar a flanela e ir à copa tomar café, água ou sentar-se no sanitário, aguardar duas dezenas de minutos jogando paciência, dar descarga, lavar as mãos e assoar o nariz no papel toalha. Às vezes, um ou outro perguntava:

- Nada da rinite melhorar?

E ele respondia:

- Nada... Cada dia pior.

Os interlocutores estavam pouco se lixando para as suas crises alérgicas e queriam mesmo cutucá-lo em relação à sua presença constante e prolongada fora do ambiente de trabalho. O chefe também se imbuía de lhe dar algumas tarefas simples, corriqueiras: buscar um sanduiche no trailer em frente, esvaziar as lixeiras quase vazias, regar as plantas artificiais nos vasos, coordenar a limpeza da sala quando a faxineira surgisse. Na verdade, já pedira a demissão do Estefano algumas vezes, mas diante da resistência do administrativo, decidiu resignar-se. Quando lhe passava tarefas mais complexas, se embaralhava e tudo tinha de ser refeito, dando mais trabalho do que se comesçassem do zero. Então, ele era visto como incompetente pela maioria, e havia um aqui outro acolá que alegava a injustiça da situação: Estefano não havia tido as oportunidades necessárias, o estímulo necessário, o apoio necessário, o treinamento e a capacitação necessárias, por isso todos deveriam se esforçar e fazer o trabalho dele; era o jeito de reparar as injustiças e o passado opressivo. Tudo ia bem até que alguém, em uma reunião comemorativa no salão de festas, se colocou contra a ideia.

- Balela! Ele não passa de um incapaz e desqualificado para a função.

- Ora, ora, amigo! Isso é preconceito e insensibilidade, não percebe? Você está sendo intransigente e injusto como foram com ele e seus antepassados. – Disse um dos colegas, que se considerava qualificado para qualquer discussão e disposto a deixar opiniões sobre tudo.

O primeiro, depois de alguns segundos, retrucou:

- É mesmo?!... E se ele fosse demitido e o salário dele distribuído igualitariamente para nós? Já que fazemos o que ele deveria fazer, enquanto ele recebe o que deveríamos receber?

Houve um alvoroço. Em tempos de crise, e mesmo que não sobreviesse nenhuma, qualquer aumento na remuneração era bem-vinda.

- Não acham justo a gente receber pelo que fazemos ao invés de não receber pelo que fazemos, enquanto ele recebe pelo que não faz e não faz por receber?

Todos balançaram as cabeças. Inclusive o árbitro de todas as questões, que pareceu mais exaltado e consciente da nova injustiça do que todos os demais.

Dali em diante, Estefano viu a oposição tornar-se mais flagrante e palpável, mas suas esperanças residiam no fato de, treze anos depois, na mesma sala, mesa,

função e cargo, sem dizer a flanela, objeto de estimação a qual aplicava-se caprichosamente, lavando-a sempre com sabonete de coco ou glicerina e jamais deixada a secar ao sol e sem ventilação, não ter sido repreendido, advertido ou suspenso por qualquer atitude antiprofissional. Na verdade, estava convicto do seu empenho, abnegação e relevância, de prestar os melhores serviços naquele lugar. Chegava a cogitar raramente, diga-se, o pedido de gratificação, mas compreendia as dificuldades financeiras da empresa, o mercado extremamente concorrido, as margens baixas de lucro e os incontáveis impostos e taxas cobradas pelo governo; as crises intermitentes a assolar o setor, e não seria ele, um funcionário leal e digno, a exigir tal sacrifício. Entretanto, havia algo a incomodá-lo sempre, diuturnamente, desde os sete anos: a maldita alergia, apontada por raios x, exames laboratoriais e sondas nasais como rinite congênita, sem cura ou tratamento. Por vezes, pediu a morte, num daqueles terríveis acessos de obstrução das narinas, queimação na garganta, a fronte latejando, espasmos nos nervos e veias, inchaço nas bolsas... Tomava um analgésico ou antibiótico, ficava uns dias em casa de atestado, mas nada disso resolvia o problema, apenas amenizava, enquanto o efeito dos remédios durassem. Bastava algumas horas sem ministrá-los e tudo voltava à estaca zero. E esta era a prova máxima a demonstrar o quanto era diligente e devotado ao trabalho: ausentava-se apenas quando não conseguia sair de casa, colocar um pé diante do outro... ainda mais se fosse possível tropeçar no pinscher, em uma das crianças, ou nos obstáculos circulatórios.

Certa manhã fria, enquanto a equipe se via as voltas com relatórios de uma grande empresa do ramo têxtil, e os números não batiam, as colunas incompletas, os resultados inconsistentes; receitas, movimentações e previsões discrepantes e planilhas inconclusas, sem que pudessem, apesar dos esforços extenuantes, chegar a um denominador comum, à solução dos inúmeros dilemas, ao passo que o prazo limite se esvaía. Todos estavam cansados, nervosos, irritados e sem fórmulas, mirabolantes ou não, para um resultado, fosse ele o mais viável, o mais aceitável, independente do valor, se correto ou não.

O desespero tomava conta da sala; e o relógio, implacável, insistia em mover-se ritmado, constante, imperturbável. Ouvia-se cicios, muxoxos, esconjuros em intensidade mínima, um palavrão aleatório e os prenúncios de ave-marias. Nem o frio foi capaz de contê-los; estava abafadiço, sufocante, os nervos à flor da pele, e as telas dos computadores piscando, o som das impressoras provocativos, a luz, o reflexo das janelas, o sombrear das prateleiras, exalavam um odor cáustico e prolixo, incapaz de conter os instantes, e a dilatar a cisma ecumênica.

Por sua vez, Estefano cumpria os seus deveres: regava os plásticos, esvaziava o vago, esfregava o limpo, e fungava desmedido, respirando pela boca. Foi quando, do nada, espirrou. Saiu-lhe números fortuitos

a depositarem-se nas lacunas ou sobrepostos a outros nas planilhas. Esternutou outro, outro, mais outro, enquanto os algarismos se espalhavam sobre as mesas, penetravam os monitores, invadiam os discos rígidos. Em questão de minutos, e muitos espirros, todo o trabalho inacabado da semana chegou a termo. Os colegas, abismados e perplexos com a avalanche de cômputos a retificar e endireitar colunas, gráficos, diagramas e esboços, não entendiam nada. Após Estefano correr para o banheiro, a fim de se limpar, voltou com duas cifras nas pontas dos dedos, jogou-as para cima, e foram pausar suavemente sobre a última planilha pendente, ultimando-a.

O chefe pegou uma delas, conferiu, conferiu novamente, entregou-a estarecido a outro funcionário:

- Confere, por favor... Veja se não estou louco...

O tom viscoso e arrastado da fala indicava o quanto absurda era aquela situação. Uma rápida verificação no sistema e, por fim, os resultados estavam inexplicavelmente corretos e o serviço finalizado.

- Foi um milagre! – Disse alguém.

- Nunca vi nada parecido... – Outro exclamou.

E a verdade era que cada um deles não tinha explicação, compreendia ou encarava a coisa naturalmente.

O chefe aproximou-se de Estefano, bateu-lhe às costas, e cumprimentou-o efusivo:

- Bom trabalho!... Saiu-se muito bem, hoje!

Fez sinal com o canto dos olhos para todos repetirem o seu gesto.

- Isso mesmo, rapaz!

- Serviço de mestre!

- Você é o cara!

Estefano, sempre comedido e módico nas reações, respondeu, meio desafetado:

- Não foi nada... Faz parte do meu trabalho.

Nunca mais teve alergia. Virou uma lenda. Ainda a regar as plantas artificiais e lustrar a mesa.



METALEIROS

(por Wolf Marun)

Quando adolescente, eu era fã da banda Led Zeppelin. Ganhei uma jaqueta de cor laranja, com a imagem de um enorme anjo em vôo bordado nas costas, que era a marca da gravadora deles, a “Swan Song”. Não tirava essa peça para nada, nem para dormir ou jogar futebol.

As mulheres enlouqueciam com as dancinhas efeminadas de Robert Plant, vocalista da banda, e isso criava um grande problema para os machos da época, que acabavam tendo que imitar o cantor, para parecerem bem na fita.



Robert Plant
antes e depois

A maioria desses roqueiros eram gays. Depois de desoberto o “segredinho”, alegavam que eram “liberais”, mas o que gostavam mesmo era de uma graúda mandioca. Vejam o caso de Fred Mercury: já foi até casado com uma mulher. Nunca coloquei a minha mão no fogo por Mick Jagger, David Bowie e o próprio Robert Plant. Dizem que até John Lennon, que largou os Beatles por causa da Yo No Komo, dava os seus vacilos.

Qual o problema disso? Nenhum. Não sou absolutamente um homofóbico, e além do mais, o escapamento é deles e não tenho nada a ver com isso. Apenas um pouco ressentido por terem incentivado uma legião de garotos a soltarem a franga por engano, enquanto os mais resistentes



Ozzy Osbourne

como eu eram tachados de porcos chauvinistas. Que se danem! Oinc.

Robert Plant envelheceu muito mal. Virou um velho horrível, com uma cara azeda, cheia de sulcos profundos, possível resultado de muito álcool e drogas pesadas. Jimmy Page, seu parceiro/guitarrista, até que se deu melhor, apesar do cabelo branquinho, rigorosamente amarrado atrás.

Hoje não consigo nem escutar uma só música deles. Algumas até começavam bem, a exemplo de “Starway to Heaven” e “Going to Califórnia”, mas repentinamente descambavam para uma irritante e inexplicável gritaria, o que fere os meus ouvidos.



Gene Simmons, do Kiss

Teve também o Deep Purple, o Kiss, o Ozzy Osbourne com o Black Sabbath, Iron Maiden, AC/DC e outras bandas gritadoras que abalaram os tímpanos de muita gente, falando de suas experiências com drogas e demônios.

Ainda bem que passou. Mas hoje temos o funk. Não me conformo com isso. É como escutar feirantes gritando “olha a laranja, só dez real: cinco por dez real”! As letras deles, geralmente, só falam de sexo, e o mais assombroso é pensar que também se acasalam, e com isso podem se reproduzir, até mesmo por partenogênese. Só de imaginar uma crescente geração de funkeiros me exaspera. Acho que vou preferir voltar para os metaleiros.

Já que é assim, vamos falar mais um pouco do Led Zeppelin, com os seus gritos irritantes. Todo aquele visual “esotérico”, os sons estranhamente distorcidos, os vídeos sombrios, foram pensados por Jimmy Page, com base em suas pesquisas com o ocultismo e o satanismo, ainda sob a influência do movimento “hippie”, que pregava a vagabundagem e mendicância. Não deu em boa coisa, é claro. Mas hoje estou velho e crítico, e posso descer a lenha em todas essas tendências.



FALCÃO

um caso de irreverência nacional



por Kim Jordan

Quais a chances de um arquiteto de 1,93 m de altura, desengonçado, trajando roupas coloridas, berrantes e sem harmonia, com um enorme girassol na lapela, óculos escuros e uma voz mais para repentista do que cantor de boleros, letras bregas e composições simples, pautadas por muito humor, ironia e deboche?... Talvez, em qualquer outro lugar do mundo, ninguém daria nada por ele, e o fracasso seria imediato e retumbante. Entretanto, estamos a falar de um ícone da música brega brasileira (nada a ver com MPB, diga-se, mas MBB), o sempre folgazão e atrevido Falcão.

Nascido em 1957, em Pereiro, Ceará, Marcondes Falcão Maia, durante a infância, ouvia músicas de Waldick Soriano, Nelson Gonçalves, Beatles, Jovem Guarda e Orlando Silva, além de cantores italianos. Seu pai, farmacêutico, era o único na cidade a ter uma vitrola e o filho sonhava, um dia, fazer sucesso como músico e cantor.

Aos 12 anos, chegou a Fortaleza para completar os estudos regulares. Aprendeu a tocar violão, de ouvido, sem qualquer instrução formal na área. Ingressa na Escola Técnica Federal, forma-se em edificações e começa a trabalhar como desenhista. Após 5 tentativas frustradas, passa no vestibular de Arquitetura e começa os estudos na U.F.C. Ao mesmo tempo, junto com amigos e alunos do curso de Comunicação Social, publica “Um Jornal Sem Regras” e funda o grupo musical “Bufo-Bufo”. Periódico e música tinham apelo político, mas Falcão insistia em não deixar as coisas bandearem para a severidade e o estilo de denúncias e protestos, alterando letras para se tornarem mais cômicas.

Em 1990, estreou o disco independente “Bonito, Lindo e Joiado”, e com isso, decidiu abandonar o escritório de arquitetura, onde trabalhou por 3 anos após a formatura. Surgia o primeiro de muitos sucessos, a canção “I’m not dog no”, traduzida para o inglês de um grande sucesso de Waldick Soriano, “Eu não sou cachorro, não”. Com o advento das FM’s espalhando-se por todo o país, e o número maciço de músicas estrangeiras nas rádios e tvs (nessa época surge também a MTV e outros programas musicais), Falcão achou que assim ganharia maior atenção para as suas composições.

Pode-se não gostar do gênero, eu mesmo não sou fã, mas existe lugar para todos os gostos, mesmo os menos musicais e sofisticados como o funk, rap, punk e, claro, o Brega. Ouve quem quiser, e pronto! Só não sou a favor dos “tocadores” em volume alto, sejam vizinhos, pedestres, motoristas ou passageiros a impor a sua predileção à revelia da vontade alheia. Por isso, e graças a isso, existem os fones de ouvido e ambientes acústicos apropriados, ou melhor, vedados aos ouvidos sensíveis e apurados. Mas isso, é também outra história...

A verdade é que, mesmo não gostando do gênero, é possível dar boas risadas ouvindo o que Falcão tem a dizer ou não, com o seu jeito galhofeiro e pândego. E a gargalhada pode não exercitar neurônios e sinapses (o que duvido), ao menos exercitará os músculos faciais e livrará os sorridentes de rugas precoces.



A guinada em sua carreira deu-se por meio do padrinho, Raimundo Fagner, fã incondicional e que o apresentou à direção da gravadora BMG. Contrato assinado em meio ao estouro nacional de "I'm not dog no", ele grava o álbum "O dinheiro não é tudo, mas é 100%", em 1994. O carro-chefe era a música "Black people car", tradução do sucesso brega de Almir Rogério, "Fuscão Preto". Daí em diante, é história...

O seu estilo poderia ser definido como o "homem sem voz e talento musicais mas que faz música irreverente, fácil e brega". Contudo, não se pode afirmar, em hipótese alguma, não haver talento em alguém que, somente em seu segundo disco, lançado pela BMG, vendeu mais de 240.000 cópias, o badalado "A besteira é a base da sabedoria" (1995), teve programas de rádio, tv, fez filme e shows em palcos e tablados de todo o país.

Apaixonado pela música de Bob Dylan, Zappa, Belchior e Zé Ramalho, mas percebendo não ser capaz de seguir os passos dos seus ídolos, aventurou-se em moldar um estilo o mais próximo da sua personalidade: ousada, descontraída e zombeteira, um tanto libertina. Como disse de si mesmo, certa vez:

"Embora eu não seja muito romântico, sempre gostei dos bregas. Me apropriei disso porque percebi que era uma música fácil e, como eu não era músico, não podia fazer nada muito elaborado."

Também faz parte da sua galeria de sucessos, além das músicas citadas: "Homem é homem" e "I love you tonight". Tem um livro com frases de efeito, "Leruaite: Falcão e Heteronimos", que também é o título de um programa de talk show, apresentado pelo cantor. A expressão "leruaite" é uma gíria nordestina para bate-papo, conversa, e nada mais apropriado usá-la, não é!

Afinal, quem considerou impossível a união entre música e humor não conhece a história ou perdeu-a em meio a chatice deste século (lembra-se de Juca Chaves, Arnaud Rodrigues, Moacyr Franco, e as antigas marchinhas de Carnaval? E os Mamonas Assassinas?). Porém, Falcão está aqui para provar o improvável e fazer-nos rir e divertir com as "gags" sem limites, em um mundo sacal e linear, onde tudo é ofensivo menos as verdadeiras ofensas, cheias de rancor, melindres e o politicamente correto.



FRASES IMPACTANTES DO FALCÃO

"Como eu já disse, nunca repito o que falo."

"Porque é melhor comer doce de leite com os amigos do que merda sozinho."

"Mulher feia e jumento perdido, só quem procura é o dono."

"Quanto mais voltamos ao passado, mais corremos o risco de encontrarmos o que passou."

"Amanhã será tomorrow."

"Qualquer um pode ser vencedor, desde que não haja nenhum concorrente."

"Talvez seja melhor calar porque falando é meio caminho andado, por outro lado, eu fiz um estudo e sei que é melhor falar besteira do que ser mudo"

"Não existe nada como um dia atrás do outro com uma noite no meio."

"Hoje eu tô que nem cavalo em Sete de Setembro: andando, cagando e sendo aplaudido."

"As bonitas que me perdoem, mas a feiura é de lascar."

"Para mim uma coisa é um padre, um menino e um jegue, outra coisa é um pneu de caminhão."

"Eu acho melhor escapar fedendo do que morrer cheiroso."

"A sociedade não pode viver sem as pessoas."

"Chifre é como assombração, geralmente aparece pra quem tem medo."

"É melhor cair em contradição do que do oitavo andar."

"No Brasil nem tudo está perdido. Muita coisa ainda há para se perder."

"O pior cego é aquele que não vê."

"Ela é o que há de mais fino em matéria de grossura."

"Está provado por A+B que A+B não prova nada."

"As mulheres são criaturas do sexo feminino."

"Homem é homem, menino é menino, macaco é macaco e viado é viado. Homem é homem, menino é menino, político é político e baitola é baitola."

"E tudo se encaminha para um fim de semana com apenas dois dias."

"Constatei que somos todos uns deserdados das opíparas putocráticas invólucas do entardecer."

"Dois passos pra frente e um pra trás são aceitáveis; mas se forem simultâneos, pode ser queda."

"Melhorar a produção literária deste País descapitulado, pondo de vez um fim à interminável Semana de 22."

"Tenho a leve suspeita de que daqui a 10 anos estaremos completando uma década".

CONVERSA DE CRENTE

por Michel Salomão

Os dez mandamentos foram gravados por Deus em duas tábuas de pedras, mas foram quebradas por Moisés, que ficou furioso ao ver que, na sua ausência, os hebreus, com a ajuda de seu irmão Arão, confeccionaram um bezerro de ouro para adorá-lo, mesmo após a expressa determinação para que não o fizessem, mas Deus gravou duas outras, provando que era um compromisso eterno e inalterável firmado com o seu povo.

Na primeira tábua foram escritos os primeiros quatro mandamentos, relacionados aos deveres do homem para com o seu criador:

1. Não terás outros deuses além de mim.
2. Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem de qualquer coisa no céu, na terra, ou nas águas debaixo da terra. Não te prostrarás diante deles nem lhes prestarás culto, porque eu, o Senhor, o teu Deus, sou Deus zeloso, que castigo os filhos pelos pecados de seus pais até a terceira e quarta geração daqueles que me desprezam, mas trato com bondade até mil gerações aos que me amam e obedecem aos meus mandamentos.
3. Não tomarás em vão o nome do Senhor, o teu Deus, pois o Senhor não deixará impune quem tomar o seu nome em vão.
4. Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo. Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao Senhor, o teu Deus. Nesse dia não farás trabalho algum, nem tu, nem teus filhos ou filhas, nem teus servos ou servas, nem teus animais, nem os estrangeiros que morarem em tuas cidades. Pois em seis dias o Senhor fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles existe, mas no sétimo dia descansou. Portanto, o Senhor abençoou o sétimo dia e o santificou.

Na segunda tábua foram escritos os seis últimos mandamentos, relativos ao deveres do homem com o seu próximo:

5. Honra teu pai e tua mãe, a fim de que tenhas vida longa na terra que o Senhor, o teu Deus, te dá.
6. Não matarás.
7. Não adulterarás.
8. Não furtarás.
9. Não darás falso testemunho contra o teu próximo.
10. Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seus servos ou servas, nem seu boi ou jumento, nem coisa alguma que lhe pertença.

Mais tarde, em resposta ao questionamento de um escriba, que perguntou a Jesus qual seria o maior de todos os mandamentos, assim respondeu:

"O primeiro de todos os mandamentos é: Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor.

Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças; este é o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a

este, é: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes" (Marcos 12:29-31).

Contudo, Jesus não estava revogando nenhum deles, mas nos ensinando que se conseguirmos amar a Deus e ao próximo como a nós mesmos, cumprimos automaticamente os Dez Mandamentos, porque amar significa respeitar, obedecer, e se assim procedermos, não teremos conflitos.

O Velho Testamento, também conhecido como "Torá" pelos judeus, possui uma série de regras que deveriam ser rigorosamente seguidas por aquele povo, e o seu descumprimento poderia representar uma execução sumária, na maioria das vezes, por apedrejamento. Essas regras estavam presentes nos textos de Êxodo, Levítico, Deuteronômio, Números e foram estabelecidas por Moisés, que teve que aguentar muita pressão durante a travessia de 40 anos no deserto. Rebeliões, insatisfações, reclamações, murmurações, crimes, sabotagens e toda espécie de aborrecimentos, e por isso teve que estabelecer um verdadeiro "código de conduta", para tentar garantir o convívio social daquele povo infiel.

Posteriormente, esses "artigos" foram compilados pelos judeus, transformando-os nas "leis mosaicas", compostas por 613 "artigos", sendo que alguns versículos teriam sido subdivididos, enquanto outros até se repetem, trabalho atribuído a Maimônides, um intelectual judeu que viveu entre os anos 1135 e 1204 d.C., possivelmente, tomando como base o trabalho iniciado pelo Rabino Simlai, no século 3 d.C.

O rigorismo dos judeus era tão grande que também criaram o Talmude, conjunto de livros, divididos entre Mishná e Guemará, que prescrevem as tradições judaicas, a ética, os costumes e a história daquele povo, marcados por "quilos" de outras regras.

Ao analisarmos as Leis Mosaicas, poderemos encontrar alguma semelhança com o Código de Hamurábi, que, acredita-se, foi escrito em torno de 1.772 a.C., o que chega a ser previsível, pois as regras passadas por Moisés (que teria nascido em 1560 a.C.) refletiriam os costumes e as leis da época, cujas tradições viriam de um passado ainda mais distante, com resquícios da cultura dos povos Sumérios, entre outros.

Os Dez Mandamentos já seriam suficientes para que aquele povo se aquietasse, mas eram incorrigíveis, mesmo diante de todas as manifestações de Deus, como as pragas do Egito, a coluna de fogo que os protegia na travessia, a abertura do Mar Vermelho e o Maná, mas preferiram não obedecer, e sobre isso continuaremos falando na próxima edição.

o homem que não sabia

MENTIR

um conto de Michel Salomão

- Você não me ama mais.

- Por quê não?

Essa teria sido a pior resposta, ou pergunta, pois não foi necessariamente uma resposta, que poderia selecionar do “Repertório de Perguntas e Respostas Estúpidas”, publicado pela Editora Xongas, 14^a edição. Ela pegou a blusa que estava sobre o encosto do sofá e saiu. E nem fechou a porta. Talvez porque imaginasse que ele pudesse ir atrás, mas não foi. Ele não conseguia mentir. Era o seu jeito, e isso já lhe havia custado relacionamentos amorosos, amizades e empregos ao longo dos anos. E algumas agressões. Como da vez em que um valentão o interpelou em um bar. “Está achando que sou um idiota”? “Sim”, ele respondeu. E o sangue jorrou do nariz quebrado por um soco certeiro.

Certa vez, escreveu em uma prova da escola que as perguntas não faziam o menor sentido prático, além do fato de que a matéria não havia sido abordada durante as aulas, e que os educadores tinham como obrigação auxiliarem o aluno no desenvolvimento de suas habilidades sociais e profissionais, pois, afinal, aquele era um curso profissionalizante e ele não nascera sabendo. Foi reprovado, é claro.

Mas foi no ramo sentimental que ele mais se envolveu em problemas. Neste último caso, estava namorando aquela garota havia seis meses, em um relacionamento conturbado com idas e voltas dramáticas, como naquela noite em que tudo

indicava que ela iria aceitar a reconciliação, caso ele mentisse, mas não estava apto a fazer. Sentia enjôo, caimbra, coceira, a garganta secava e ele não conseguia emitir uma só palavra que não fosse a mais pura verdade.

Talvez tenha sido a criação que recebeu dos pais, muito religiosos, praticantes dos 10 mandamentos bíblicos e das 613 leis mosaicas, e apesar de não se ater a elas e nem professar qualquer religião, criou esse hábito que fazia com que as verdades saíssem naturalmente, apesar do sofrimento que causava.



Certa vez, arranhou um emprego em que o patrão destacou que o havia contratado pela sua sinceridade, pois logo de cara, na entrevista, criticou o slogan da empresa que era “aqui, você, cliente, tudo pode”. Tudo pode o quê? Defecar no saguão? Levar os produtos sem precisar pagar? Além disso, esse tanto de vírgulas deixava a frase muito esquisita. Mas não fez apenas a crítica: sugeriu um novo slogan que foi prontamente adotado pelo empolgado chefe: “esta é a sua casa”. Vale lembrar que a empresa trabalhava com produtos para o lar, e vendia desde móveis até desentupidor de pia, e assim as vendas alavancaram logo na primeira semana, e o chefe atribuiu o sucesso ao novo funcionário e ao slogan sugerido.

Mas não durou muito tempo: certo dia a esposa do patrão apareceu de surpresa e perguntou onde o marido teria ido almoçar. Ele disse que o chefe havia saído com a secretária e que iriam almoçar em um motel que ficava ali por perto. Não será preciso dizer a confusão que se armou e que o nosso sincero funcionário foi prontamente demitido. Este foi apenas uma das confusões em que ele se meteu ao longo dos 36 anos que completaria na semana seguinte. Não fosse um episódio que encerrou essa narrativa: andando distraidamente pela rua, de olho no seu smartphone comprado naquele mesmo dia, desses com tela de 6.7 polegadas, Gorila Glass, 12gb ram e taxa de atualização de 120hz, quando passou um rapaz que devia ter

pouco mais de 18 anos, e foi logo mostrando o revólver.

- Passa logo esse celular.
 - Não posso: acabei de comprar.
 - Que legal! Celular novo. É assim que eu gosto.
 - Sinto muito, mas não vai dar.
 - Você é maluco? - e apontou o revólver para o seu nariz.
 - Esse revólver é de brinquedo? O buraco da bala é muito estreito, que nem desses que usam esferas de plástico... - e levou a mão até o cano da arma para conferir.
- O que se soube depois é que a arma disparou, e ficou constatado que não era de brinquedo. Terminava ali a história do homem que não sabia mentir, talvez o único entre milhões.

LaundrySpeed
service

PROMOÇÃO!
PACOTES ECONÔMICOS

DESCONTO
ESPECIAIS

10%
solteiro

20%
casal

35%
família

(31) 989029482
Avenida Dom João VI, 1.650 - Palmeiras
@laundrypeedservice

A VOLTA DA MULHER DO

Jorge F. Isah



O mês passou. Ela contou os dias, horas e minutos restantes com o temor do tribunal rever a sua situação, não a possibilidade de inocência mas de recacular e corrigir a pena. A esperança era a incompetência prevalecer, ou o orgulho, ou ambos se sustentarem, e os anos de condenação resumirem-se a trinta dias, mal contados e estabelecidos por um escrutínio defeituoso e apressado, o verdadeiro fiasco aritmético, afoito e grosseiramente inexato, mas a resultar, no fim das contas, em algum tipo de justiça, uma justiça desdenhada pelo tribunal, mas suficiente para dezenas de meses se completarem em quarenta e dois dias.

Para ela não era pouco. Afastada do lar e da vida prosaica, da rotina milimetricamente exercida por anos e anos a fio, pontilhadas aqui e acolá por uma novidade ou outra, um acaso e exceção, nada comparável à reviravolta e os rumos tomados nos últimos quase mês e meio... Saudade da vida simples, do marasmo e silêncio a habitar as paredes, corredores, as persianas e cômodos onde ouvia o arrastar das sandálias, utensílios e móveis ao serem tocados, somente os pensamentos, alguns exagerados, a descabelar suspiros e protestos na maioria das vezes e o interromper intermitente do zumbido à noite, antes de dormir.

Olhava as paredes sujas e se arrepiava. A latrina com marcas amareladas, cinzentas, amarronzadas, aureolas de fluídos incrustadas no metal e a descarga sempre a lançar fora porções líquidas, algumas levemente pastosas, quando acionada. O chão era amálgama dos restos e nódoas de todas as detentas, novas e velhas, vivas e mortas, culpadas e inocentes, brancas, negras, amarelas, morenas e loiras, mudas e tagarelas, altas e baixas, piedosas e cruéis, belas e feias, gordas e magras, todas, sem exceção, deixaram ao seu jeito o laivo do seu

caráter escorrer ou chapuçar e condensar-se na textura áspera e irregular do cimento... Não era o mesmo, a cada minuto o tempo encarregava-se de modificá-lo, de dissolver-lhe à feição, e torná-lo uma colcha de retalhos assimétrica, desigual, porém capaz de contar muitas histórias, de gente que nunca foi gente, de gente que deixou de ser gente, gente que desejava voltar a ser gente, e gente que apenas queria se esquecer das gentes, de si mesmo e dos outros, mesmo por um instante, pelo resto da vida ou até arrepender-se, ou odiar o perdão e seus corolários, negar a si e aos demais, sem súplicas, acordos ou conciliações... apenas seguir o fluxo, nada de comoção, ardor e vida, apenas o concreto frio e suas malhas.

Quantas mãos não tocaram aquelas grades? Outras tantas os beliches, os vidros, lençóis e colchões? Por quantas andaram as bandejas, bancos, toalhas e torneiras?... Pés andaram e se arrastaram pelo chão... cavos, chatos, gregos e romanos... descalços, havaianas ou de meias... Ah, se essas coisas pudessem depor sobre cada uma delas, o que diriam? A favor ou contra? Ou dariam de ombros?... E por que foram amassadas, rasgadas, sopeadas, feito migalhas?... Se mantinham silenciosas, e em muitas se notava o ódio, a ira e furor, o desespero e angústia, a teimosia e incorreção, e havia as especializadas no pior, de mais doentio e perverso a consumir-lhes as almas e os anos... espíritos atormentados, em guerra consigo e o mundo, e mesmo fora da prisão não se lhes deparava a trégua, haviam nascido para o combate, nem sempre violento, nem sempre sanguíneo, as vezes apenas astuto, finório, sedutor, armas não tão visíveis mas igualmente sinistras, a destruir sonhos, trazer infortúnios, dismantelar carreiras,

insurgir-se à vida. Em alguns, foi apenas a fagulha, o start, o axioma a transtornar os vultos, embaçar-lhes a consciência, pulverizar-lhes a dignidade e torná-los semelhantes a si mesmas, criaturas sombreadas e pálidas.

A Mulher do 171 pensava essas coisas enquanto olhava a pequena porção do céu a invadir o retângulo da janela, na junção da parede e o teto, de um azul esmaecido e pulverizado pelas nuvens brancas; e ela se dava a pensar como nunca antes havia pensado, o tempo ali corria insuportavelmente lento, e não havia nada a fazer a não ser dar-se à imaginação, às elucubrações, meditações que a costumeira vidinha não permitia, sequer cogitava, entre os cuidados diários do jardim, a limpeza da casa, o embalar e desembalar das caixas, o cardápio diário, as saídas ao banco, supermercado e feira, ou o simples transitar anônima entre centenas e milhares de desconhecidos nas calçadas e corredores, sem ter o que buscar ou encontrar, apenas o gastar-se no tempo e aprisiona-lo na memória, nas vísceras, artérias, músculos e epiderme, como se pertencesse a ele e ele a ela.

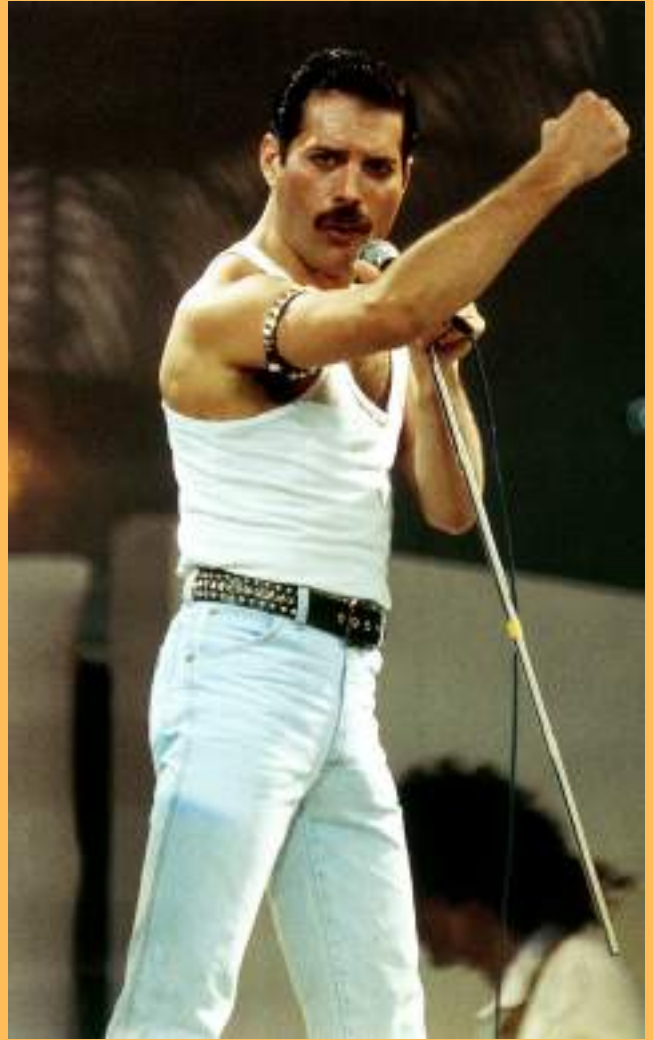
Dali a algumas horas, voltaria a sentir o vento e a brisa, o calor do sol e o frio da noite, mas nada se comparava ao aconchego do lar, os odores tão característicos de cada compartimento a se misturarem com os seus, e tal qual o tempo, achava-se também pertencer a ela e vice-versa, a amálgama, a mescla das temporadas em que se intercambiaram, a cumplicidade a durar enquanto uma delas não renunciasse ao sodalício, e se vissem apartadas, órfãs, tolhidas da estima e proteção mútua. Ah!... voltar às coisas simples da vida... à rotina constante mas necessária, o despojar-se das expectativas e deixar o curso natural dominá-la... sem forçar as aparências, ou resistir às circunstâncias, não amolecer ou endurecer, mas encerrar tudo e todos com moderação e temperança, o famoso equilíbrio tão propalado e cada vez menos realizável... Ela

mesma se via num turbilhão de emoções, a tratar cada faceta da existência como duelo ou peleja... talvez, se não tivesse encarado as pessoas e as coisas dessa forma, não estaria ali... talvez, mesmo sendo prudente e frugal ainda estivesse ali... já era tempo de aprender, de saber que o destino é mais inevitável do que imaginava, e por mais a considerar-se dona de si mesma havia outros a controlá-la... e isso a afligiu, estar às voltas com o inevitável, o irresistível, o surpreendente, um cisma, conluio, dogma ou o desejo exacerbado... quantos estariam a movê-la para lá e cá? Para o seu retiro? O convite à frugalidade não seria imposição? Das forças, das deficiências, o ladino desígnio dos deuses? As deliberações dos poderosos? Não estaria a sua alma dominada por inimigos?... A sua vontade não ser nada além da união das demandas de outros, a satisfazê-los?... – Balançou a cabeça, a afastar-se desses pensamentos – Estaria louca ou finalmente encarava a realidade de frente?... Uma música insurgiu-se, e se viu a cantarolar quase imperceptível: “nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia... tudo passa, tudo sempre passará”... Vale dizer alguma coisa? Pensar alguma coisa? Ou se deixar levar pela poesia, os versos ininteligíveis e o sussurro melódico do barítono entre o silêncio e os apelos?... Ah, o emaranhado de causas e efeitos, de medos e alguma alegria, da tempestade e calmaria, onde era fácil se perder, ainda que alguns digam se achar... o que seria de si mesma, então? Voltar, voltar, era o que importava. Sem saber se ao primitivo ou posterior, bastaria sair do presente, daquele fragmento, em que não mais seria a mesma, nem antes e agora, à espera futura, auspiciosa, talvez insegura, mas jamais equivalente... Mas, qual a garantia? A evidência disso?... “Tudo o que se vê não é Igual ao que a gente viu há um segundo, tudo muda o tempo todo no mundo”... Raios, pensou, por que o diacho desta música se prendeu em mim como um chicletes?... Por que isto agora?... “Aqui dentro sempre, como uma onda no mar”...

MÚSICAS QUE MARCARAM ÉPOCA

BOHEMIAN RHAPSODY

Esta música do grupo QUEEN, que faz parte do disco "A Night at the Opera (1975)", abalou a estrutura da época, e mais se parecia com uma espécie de ópera misturada com rock pesado, e falava de um marmanjo que fica chorando pela mamãe dele depois de ter matado um cara. Coisa mais linda! Já vi muita gente chorando ao ouvir esta música, sem entender absolutamente nada da letra. Para quem não sabe, Rapsódia era conhecida pelos gregos antigos como o trecho de um poema épico recitado pelo rapsodo, que nada mais era do que um poeta, e a associação à música aconteceu lá pelo século XVIII, com Christian Schubart, com sua "Musicalische Rhapsodien", que era a intercalação de música lírica com declamação de poemas, normalmente, de improviso.



E foi o que Fred Mercury fez, misturando rock pesado com o que poderia chamar de música clássica. Ou lírica. Tanto faz. Ele começa fazendo uma reflexão entre realidade e fantasia, sob o ponto de vista de um garoto inconsequente que acabou de matar um homem, estragando a sua vida, sem pensar no outro, que poderia ser um pobre pai de família assalariado, deixando esposa e filhos à míngua. Mas só agora a capivara mimada se lembra da mãe gorda e superprotetora que ficará arrasada quando souber a besteira que o filho acabou de fazer.

Atentem para essa sublime passagem e procurem entender que sentido faz. Nenhum:

"Eu vejo a pequena silhueta de um homem
Palhaço! Palhaço!
Você dançará o fandango?
Raios e relâmpagos
Me assustam muito, muito
Galileo! Galileo!
Galileo! Galileo!
Galileo, Fígaro!
Magnífico!"

Agora o garotinho mimado está tomando uma sova das boas dos capetas, e se borra de medo. As chamas do inferno começam a esquentar a sua busanfa, ele vê Belzebu, mas resiste, clamando por amor, depois de fazer exatamente o contrário, ao praticar o seu crime, ceifando a vida de um inocente, possivelmente, para comprar drogas, só pode ser isso, pois a música é muito maluca e a letra não faz o menor sentido.



"Oh, mamma mia, mamma mia!
Mamma mia, deixe-me ir!
Belzebu tem um demônio reservado para mim!
Para mim!
Para mim!"

Com os seus dentões característicos, Mercury vai mudando sua entonação da voz, entre colérico, doce e sedutor, enquanto os demais membros da banda vão correspondendo com a distorção de seus instrumentos, e talvez ainda hoje não saibam o que estava acontecendo naqueles instantes em que o vocalista fazia suas poses ridículas de esqualido halterofilista.

